

ÁJAX: ΗΘΟΣ X ΔΑΙΜΩΝ CARÁTER X POTÊNCIA DIVINA

AJAX: ΗΘΟΣ X ΔΑΙΜΩΝ
Character X Divine Power

Alcione Lucena de Albertim*

Resumo: Este ensaio objetiva analisar o herói na tragédia *Ájax*, de Sófocles, em relação à tensão em que vive, causada pela dualidade da sua personalidade, a qual provém do liame entre sua natureza humana (*ethos*) e uma potência divina exterior a ele (*daimon*).

Palavras-chave: herói, tragédia, caráter, potência divina.

Abstract: This essay intends to analyse the hero in *Ajax*, by Sophocles, in relation to the tension in which he lives, caused by the duality of his personality that comes from the line between his human nature and an external divine power.

Key-words: hero, tragedy, divine power.

A tragédia busca no mito a matéria para a composição do enredo, da fabulação. Dentro da tradição, existe o mito de Ájax Telamônico, o Grande Ájax, herói grego, rei de Salamina, havendo duas versões para ele. Terminada a guerra, Ájax exige que Helena seja morta por haver causado tantos danos aos gregos com o seu adultério. Os atridas, Agamêmnon e Menelau, filhos de Atreu, irritam-se contra ele, sendo necessária a intervenção de Odisseu, que, astuciosamente, consegue fazer com que Helena seja entregue a Menelau, voltando a Esparta com ele. Então, como recompensa dos esforços empenhados na guerra de Tróia, Ájax requer o Paládio, pequena estátua divina dotada de propriedades mágicas, a qual representava a deusa Atena, mas Odisseu mais uma vez intervém, e os atridas não atendem ao pedido do herói. Ele faz ameaças aos dois reis, que se cercam de sentinelas. No outro dia, Ájax é encontrado morto. Suicidou-se com a própria espada. A outra versão, mais familiar aos tragediógrafos, diz respeito não ao Paládio, mas às armas de Aquiles. Depois da morte do

* Professora da Universidade Federal da Paraíba

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/ Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	------------------	---------

filho, Thétis entrega as suas armas para que fiquem com o mais valente aqueu depois do pelida. Ajax e Odisseu disputam-nas nos jogos fúnebres em homenagem ao herói. Sem um veredicto, Agamêmnon delega a decisão aos prisioneiros troianos, que optam por Odisseu, dizendo que ele fora o guerreiro que mais danos causou ao exército troiano. Inconformado com a escolha, visto que era considerado o mais bravo e forte guerreiro depois de Aquiles, e ferido em sua honra, sua τιμή, num acesso de loucura, massacra as reses destinadas à alimentação da tropa, acreditando estar matando os chefes gregos, particularmente os atridas. Voltando a si, percebe a sua insensatez. Envergonhado, retira-se a um lugar deserto, e mata-se com a própria espada.

Na tradição homérica, o mito de Ajax está bastante presente. Na *Iliada*, o herói destaca-se por sua força e coragem, estando presente em momentos cruciais da guerra como baluarte para os gregos. Navegou para Tróia no comando de doze navios, de acordo com o *Catálogo das Naus*, Canto II da *Iliada*. Quando Aquiles se retira da guerra, participa da embaixada na tentativa de persuadir o pelida a retornar ao campo de batalha. No seu discurso, admoesta-o por sua frieza diante das desditas que os aqueus estão enfrentando. Aconselhado por Heleno, vate troiano, Heitor propõe um combate singular com o melhor entre os gregos. Nove guerreiros se apresentam, havendo um sorteio em que Ajax é o escolhido. Há um impasse na luta entre os dois, e os arautos de ambas as tropas interrompem-na, pois já é noite. Os heróis, então, trocam presentes, como forma de cada um honrar o valor heróico do outro. Heitor oferta a Ajax sua espada cravada de prata, e em troca, recebe um cinto púrpura. Na *Odisséia*, há um único momento em que o mito de Ajax é mencionado. Trata-se de um episódio do Canto XI, em que Odisseu, estando entre os feáceos, narra a sua descida ao Hades. Lá, depara-se com a ψυχή do herói, a alma de Ajax, que ainda se encontra agastada com todo o acontecimento referente ao seu suicídio, sobretudo a injusta derrota na disputa pelas armas. Odisseu tenta abrandá-lo, de maneira persuasiva, com o seguinte discurso:

“Ó Telamônio impecável, Ajax, até mesmo entre os mortos/ não te dispões a abrandar tal rancor, por

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

motivo das armas/ prejudiciais, que aos Argivos os deuses em mal converteram?/ Causa elas foram de haver perecido um baluarte como eras/ para os Aqueus. Quanto à nobre cabeça de Aquiles Peleio,/ profundamente sentimos tua Morte. Mas culpa nenhuma/ cabe a ninguém, só a Zeus que, contrário aos Aquivos lanceiros,/ os alvejou com sua cólera, impondo-te fado inditoso./ Mas aproxima-te, herói, porque minhas palavras escutes/ e o meu relato; refreia o desdém nesse peito magnânimo.” (ODISSÉIA, 2004, XI, v.543-65)

Mas a alma do herói nada responde, afastando-se com as demais sombras dos mortos.

Segundo Aristóteles, a situação trágica por excelência é aquela em que o herói, em situação intermediária, o qual não se distingue muito pela virtude e pela justiça, passa da felicidade ao infortúnio, não por vício ou maldade, mas por um erro cometido, uma ἀμαρτία. A partir desta definição, tentar-se-á fazer uma análise, em *Ájax*, de Sófocles, a respeito da tensão causada por essa dualidade existente no comportamento do herói, proveniente do conflito entre sua natureza humana, considerada a partir do advento do direito na polis, e a ancestralidade da religião pela qual está impregnado. Caráter versus potência divina, ἦθος x δαίμων, é dentro deste eixo que o herói se movimenta. Ao mesmo tempo em que delibera consigo mesmo, sofre uma influência exterior, concernente a uma força divina.

Para melhor entendimento deste contexto religioso que entra em conflito com a nova ordem da polis, a qual repousa na instituição do direito, e conseqüentemente, em uma nova forma de pensamento, colocando no homem a origem, a causa das suas próprias ações, segue uma abordagem sobre o assunto, respaldada em Fustel de Coulanges, na obra *The ancient city*.

Havia, na polis, um altar em que se cultuava uma divindade eleita sua protetora. Tratava-se, geralmente, de uma figura heróica cujos feitos, em vida, atribuíra-lhe tal função. Acreditava-se que a existência e permanência de uma cidade só eram possíveis com a manutenção do fogo sagrado e o culto às divindades que o protegiam. Tal crença remonta à antiga organização social, antes da formação da pólis, das tribos e das cúrias, na qual as pessoas se vinculavam

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

unicamente por laços familiares. Cada família representava um núcleo particular, sem que houvesse ligação alguma entre eles. Cada grupo possuía um altar em que se mantinha aceso o fogo sagrado, símbolo da religiosidade sobre a qual se estruturava a família, e onde repousavam as cinzas dos ancestrais, os deuses do lar. Alguém que não estivesse ligado pelos laços familiares aquele culto, jamais poderia sequer ver o altar daquele lar, pois significava extrema ofensa aos deuses, podendo essa mácula ser reparada apenas com sacrifícios e libações.

No decorrer do tempo, famílias diversas se reuniram e formaram as cúrias ou fratrias, que possuíam seus próprios altares e deuses protetores, e em que o ato religioso era da mesma natureza do familiar. Consistia em um repasto compartilhado por todos, enquanto hinos eram entoados e preces eram recitadas, a fim de que a divindade presente também participasse do banquete. O alimento era preparado no próprio altar, mantendo o seu caráter sagrado. Entretanto, tal reunião não extinguiu o culto individual de cada uma das famílias que formavam a cúria.

Mais tarde, as cúrias formaram as tribos, que, por sua vez, reuniram-se para formar as cidades. Assim como as famílias e as cúrias, as tribos e as cidades também possuíam sua religião comum, com o altar sagrado e suas divindades protetoras. Tais divindades eram homens deificados, os chamados heróis.

Este passado mítico e religioso, em que todos os acontecimentos eram vistos como sendo exclusivamente de procedência divina, entra em conflito com a nova ordem vigente, proveniente do surgimento do direito grego. Um novo pensamento direciona o sujeito na relação entre agente e ação. Agora, leva-se em conta o homem como fulcro irradiador da ação, em quem reponta um princípio de vontade, refletido na necessidade de decisão diante de uma contingência. São esses dois pólos que impulsionam o herói no momento de agir.

Aristóteles, na *Poética*, diz que a tragédia é a imitação de ações que despertem terror e piedade, e para isto, é preciso que contenha peripécia e reconhecimento, que, de preferência, aconteçam ao mesmo tempo. Peripécia, περιπέτεια, é a mudança de situação, contrária ao que é esperado. Reconhecimento, ἀναγνώρισις, é a passagem do ignorar ao conhecer. Estas partes da tragédia levam à

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

catástrofe, *πάθος*, que consiste em uma ação perniciosa causadora de destruição e sofrimento, como mortes em cena, dores exacerbadas e ferimentos. Tais partes constitutivas da tragédia devem suscitar a melhor situação trágica, que é aquela em que o personagem age ignorando, e concluída a ação, vem a conhecê-la.

Na tragédia *Ájax*, que retoma um episódio encontrado no Canto XI da *Odisséia*, já descrito acima, identifica-se bem estas partes. O enredo começa no momento em que Ájax acabara de trucidar os animais, encontrando-se na sua tenda, no acampamento grego junto a Tróia. Odisseu está a espreitá-lo, quando surge Atena, deusa que provocou o acesso de loucura, a *μανία*, em Ájax, por ele haver desdenhado a supremacia dos deuses no momento em que partia para Tróia, como também por haver ousado desprezar o auxílio da deusa em um dado momento de luta contra os soldados troianos. Com essa atitude, ultrapassou o *μέτρον*, o limite até onde é permitido aos humanos irem, cometendo a *ὑβρις*, o descomedimento, cuja conseqüência é a punição divina. Ela se dirige para o interior da tenda e dialoga com o herói, instigando a sua ira contra os chefes gregos, de modo a insuflar ainda mais a sua loucura. Em seguida, Atena desaparece, e Odisseu se afasta. Entram em cena, então, Tecmessa, concubina de Ájax e mãe de seu filho, e o coro. Instala-se um diálogo entre os dois, em que ela relata os acontecimentos até o ponto em que o herói recobra a consciência e desespera-se pelos atos que praticou. Daí Ájax, tolhido pela dor da vergonha, lamenta a sua desdita. Segue um diálogo entre o herói e Tecmessa, no qual tenta dissuadi-lo da idéia de tirar a própria vida, mostrando-lhe a falta que faria a ela e ao filho. Ele finge haver mudado sua decisão, e afasta-se para um lugar isolado, perto da praia. Chega o mensageiro com um recado de Teucro, irmão do herói por parte de pai, de que não permitisse Ájax sair da tenda até que ele chegasse, pois, segundo o vaticínio de Calcas, adivinho grego, ainda durante aquele dia, Atena o perseguiria. Todos saem a sua procura, mas só o encontram tarde demais. Ájax cometera o suicídio. Teucro chega e encontra o irmão já morto. Decide fazer as honras fúnebres contra a vontade dos atrevidos. Há discussões entre os três, mas Odisseu intervém, conseguindo convencer Agamêmnon a permitir a realização dos funerais. A história termina com a preparação do funeral.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

Em *Ájax*, a peripécia se dá ao mesmo tempo em que há o reconhecimento. No momento em que o herói percebe que seu ato não foi o que pensava, a sua vingança contra os gregos por haverem ultrajado a sua honra, a τιμή, ele reconhece a sua verdadeira condição, a de opróbrio e vergonha. Ele agiu ignorando, e perpetrada a ação, veio a conhecê-la:

“Ah! Que vingança ativa ele tinha a impressão/ de estar tirando contra eles! Logo após/ o herói voltou à sua tenda, e com o tempo,/ aos poucos e não sem terríveis sofrimentos,/ recuperou finalmente a razão - coitado!/ Ao ver o vulto do desastre que causara,/ desesperado ele deu murros na cabeça,/ gritou, caiu – mais uma queda a acrescentar/ às incontáveis do rebanho dizimado – ,/ arrancando com as unhas tufo de cabelos./ Durante muito tempo Ájax ficou parado,/ silencioso e abismado.” (ÉSQUILO, 1998, v. 426-437)

Segue-se, então, a catástrofe, em que se chega ao ápice da tragicidade do herói. Ájax se suicida com a arma do inimigo, a espada de Heitor, a qual havia recebido como prova de reconhecimento do seu valor heróico, no impasse do combate singular entre os dois heróis, durante a guerra de Tróia:

“Está firme a espada para o sacrifício,\ pronta a varar meu corpo da melhor maneira,\ se ainda posso demorar-me em falatórios.\ Ela foi o presente de um anfitrião\ abominado por minha alma e por meus olhos,\ e agora está fixada no solo inimigo\ de Tróia detestada, depois de afiada\ na pedra que desgastada o ferro, e bem plantada\ com o maior desvelo para me trazer, como um grande favor, a morte imediata.” (ÉSQUILO, 1998, v. 1110-1119)

Segundo Vernant:

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

“Os sentimentos, as falas, os atos do herói trágico dependem de seu caráter, de seu *ethos* que os poetas analisam tão finamente e interpretam de maneira tão positiva quanto poderão fazê-lo, por exemplo, os oradores e um historiador como Tucídides. Mas esses sentimentos, falas e ações aparecem, ao mesmo tempo, como expressão de uma potência religiosa, de um *daímon* que age através deles.” (VERNANT, 1999: 15)

“*Êthos – daímôn*, é nessa distância que o homem trágico se constitui. Suprimindo um desses dois termos, ele desaparece..., poder-se-ia dizer que a tragédia repousa sobre uma leitura dupla da famosa fórmula de Heráclito (ἦθος ἀνθρώπων δαίμων). Desde que deixa de ser possível lê-la tanto num sentido quanto no outro (como a simetria sintática permite) a fórmula perde seu caráter enigmático, sua ambigüidade e não há mais consciência trágica porque, para que haja tragédia, o texto deve significar ao mesmo tempo: no homem, o que se chama *daímōn* é o seu caráter – e inversamente: no homem, o que se chama caráter é realmente um demônio.” (VERNANT, 1999: 15)

Nas citações acima, o autor caracteriza bem os dois pólos entre os quais os personagens se movimentam no decurso da ação trágica, a intenção humana e a decisão divina. Eles aparecem em várias passagens, na voz de diferentes personagens, no decorrer do texto.

Depois que Ajax percebe a insensatez que praticou, estabelece-se um diálogo entre ele, Tecmessa e o Corifeu, em que este tenta acalmá-lo, dizendo que cabe aos deuses o destino dos homens:

“É sempre com o beneplácito dos deuses/ que nós, simples mortais, choramos ou sorrimos.” (ÉSQUILO, 1998, v. 530-531)

Um pouco depois, em uma fala de Tecmessa, ela atribui aos deuses, porém, mais ainda à vontade de Ajax, a sua sorte. Nascida

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

livre, filha de pai abastado e poderoso, acabou tornando-se simples cativa:

“Sou filha de um pai livre, cujos bens imensos/ fizeram dele um homem muito poderoso,/ talvez nunca igualado por qualquer dos frígios,/ e eis-me hoje aqui como simples cativa./ Foi esta obviamente a decisão dos deuses e mais ainda de teu braço.” (ÉSQUILO, 1998, v. 669-674)

Ao se sentir ultrajado em sua honra, Ájax toma a iniciativa de acertar contas com os chefes gregos, intentando assassiná-los. Mas ao mesmo tempo sente em si que há uma força maior que comanda os destinos. Neste mesmo diálogo entre o herói, Tecmessa e o Corifeu, pode-se perceber isto:

“Foi necessário que a filha do grande Zeus \de olhar feroz, deusa indomável, no momento\ em que eu erguia o braço forte contra eles, me tirasse a razão, pondo em meu coração\ a raiva furiosa, por causa da qual\ tive de mergulhar ambas as minhas mãos\ no sangue destes animais, enquanto os dois\ riem de mim agora porque se livraram\ - ai, ai de mim! – da punição bem merecida,\ frustrando minha decisão. Mas quando um deus\ deseja nossa ruína, até o mais covarde\ supera o mais valente. Que farei agora?\ As divindades obviamente me detestam;\ todo o exército dos gregos me abomina;\ sou odiado pela cidade de Tróia\ e por toda esta planície onde combatemos.” (ÉSQUILO, 1998, v. 614-629)

Ele se questiona quanto ao que fazer, vendo-se diante de uma situação adversa, a de ter todos contra si: deuses e homens, o que comprova o conflito no interior do protagonista, vendo-se diante de uma contingência, tendo que cogitar quanto ao melhor procedimento a

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

tomar. Nisto estaria o que Aristóteles chama caráter do personagem trágico, o ἦθος:

“Caráter é o que revela certa decisão ou, em caso de dúvida, o fim preferido ou evitado; por isso não têm caráter os discursos do indivíduo em que, de qualquer modo, se não revele o fim para que tende ou o qual repele.” (ARISTÓTELES, 1992: 45)

Para Ajax, a nobreza do herói é justificada pela honra. Sem dignidade, a vida não tem razão de ser. Daí, ser mais digno tirar a própria vida:

“Viver com honra ou perecer honradamente/ é o lema para quem de fato nasceu nobre!” (ÉSQUILO, 1998, v. 659-660)

Ao mesmo tempo em que delibera sobre a própria morte, agindo com o ἦθος, Ajax é impelido por uma força exterior, um δαίμων, visto ser a honra o lema de vida para o herói.

“Para que haja ação trágica, é preciso que se tenha formado a noção de uma natureza humana que tem seus caracteres próprios e que, em consequência, os planos humano e divino sejam bastante distintos para oporem-se; mas é preciso que não deixem de aparecer como inseparáveis. O sentido trágico da responsabilidade surge quando a ação humana dá lugar ao debate interior do sujeito, à intenção, à premeditação, mas não adquiriu consistência e autonomia suficientes para bastar-se integralmente a si mesma. O domínio próprio da tragédia situa-se nessa zona fronteira onde os atos humanos vêm articular-se com potências divinas, onde eles assumem seu verdadeiro sentido, ignorado do agente, integrando-se numa ordem que ultrapassa o homem e a ele escapa.”(VERNANT, 1999: 23)

Primeiramente, tomado pela ira, a μῆνις, ao ser ferido em sua honra, sua τιμή, Ajax decide matar os atridas. Por haver cometido

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------

uma ὕβρις, recebe a perseguição da deusa Atena, que envia para ele a loucura, a μανία, fazendo-o agir insensatamente, de modo a perder sua honra, sua τιμή, razão pela qual vivem os heróis. É mais digno morrer honradamente, tirando a própria vida, do que viver ἄτιμος, sem honra. Logo, decide suicidar-se.

O herói trágico vive neste liame entre a sua natureza humana e a potência divina, o que explica e caracteriza a dualidade da sua psicologia, da sua personalidade.

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES. **Poética**. [Texto bilíngüe grego-português] Trad. Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1992.

COULANGES, Numa Fustel de. **The ancient city**. translated by Arnaldo Momigliano and S. C. Humphreys. N.Y.: The Johns Hopkins University Press, 1980.

ÉSQUILO. **Prometeu acorrentado**./ SÓFOCLES. **Ájax**./ EURÍPEDES. **Alceste**; trad. Mário da Gama Kury. 3 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

HOMERO. **Odisséia**; trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

HOMERO. **Ilíada**; trad. Carlos Alberto Nunes. Rio de Janeiro: Ediouro, 2001.

VERNANT, Jean-Pierre. “Tensão e ambigüidade na tragédia grega”.

In:VERNANT, Jean Pierre e NAQUET, Pierre Vidal. **Mito e tragédia na Grécia antiga**; trad. Anna Lia A. de Almeida Prado. São Paulo: Perspectiva, 1999.

DLCV	João Pessoa	V. 5	Nº 1	Jan/Dez 2007	139-148
------	----------------	------	------	-----------------	---------